

“Ver ou perecer” Mística de olhos abertos

GONZALEZ BUELTA SJ, Benjamin: Rio de Janeiro/São Paulo,
Ed. PUC-Rio/Loyola, 2012.

Carlos Palacio SJ

(CONVITE A UMA LEITURA ORANTE)

Como humilde precursor, não pretendo fazer outra coisa a não ser ‘introduzir’; um convite a mergulhar na fonte, apenas apontando, como João Batista, e desejando que cresça diante de vocês a rica experiência de vida que este livro esconde.

A obra, já considerável na sua área, de BGB, é inseparável da pessoa do autor. A sua reflexão brota de uma experiência vivida. Em todos os seus escritos. E, por isso, se trata de um pensamento vivo, em movimento, capaz de incorporar na reflexão novos elementos da realidade humana, eclesial e sociocultural. Seus escritos são sínteses concêntricas, como variações sobre o mesmo tema, mas sempre com um toque criativo, de algo inédito.

Benjamín não é um teólogo ‘profissional’, o que não quer dizer que não tenha uma teologia profunda e consistente. É um mestre espiritual; mas a sua não é uma espiritualidade barata, requer o esforço do conceito e da reflexão teológica.

A ‘mística de olhos abertos’ que ele propõe é uma questão de sobrevivência espiritual: ver ou perecer! Feliz formulação que situa B. na esteira de outro grande jesuíta, Teilhard de Chardin, pensador apaixonado por esse ‘meio divino’ no ‘fenômeno humano’,

Não se trata, portanto, de uma mística ensimesmada, mas de abrir bem os olhos, de mergulhar na realidade até poder perceber que a última dimensão do real está habitada por Deus.

1. Ponto de partida e coordenadas

O ponto de partida da reflexão de Benjamin – neste e noutros escritos – é a experiência de uma inserção radical e prolongada entre os pobres, cujas marcas ficaram inscritas para sempre no seu corpo e na sua alma, como uma ‘tatuagem’ gravada definitivamente na sua maneira de ver a realidade e de experimentar a Deus. “No místico de olhos abertos, vão nascendo outro coração e outra sensibilidade. A contemplação afina seus sentidos para perceber a encarnação do Filho de Deus (...) na realidade cotidiana” (p. 115). A visão contemplativa de tradição inaciana e a teologia da encarnação são as duas grandes coordenadas da reflexão de BGB.

A teologia da encarnação em primeiro lugar. Ela é a chave de leitura de toda a obra de B. Não é por acaso que um dos seus primeiros livros tem por título “Descer ao encontro de Deus”. Porque o Deus de Jesus Cristo não está ‘no alto dos céus’; para encontrá-lo é preciso entrar no movimento da con-descendência de Cristo Jesus e com Ele descer até o último degrau da condição humana (Fl 2,6-8). (cfr p.129; e 65§2).

A segunda coordenada são os Exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola. Essa é a matriz espiritual da reflexão teológica e da experiência de BGB. A base dos Exercícios é a contemplação da vida de Jesus: o exercitante não se cansa de explorar esse ‘mistério’ e à medida que contempla a vida de Jesus vai se afinando o seu olhar e sendo modelada a sua sensibilidade. Para quem faz os Exercícios não é a realidade que muda, mas a maneira de olhar e de estar na realidade (p.60).

2. Experiência de Deus e pós-modernidade

Uma pergunta habita as reflexões deste livro: que experiência de Deus é possível numa sociedade secularizada, que expulsou Deus do espaço público? É possível falar de Deus na cultura pós-moderna fragmentada, dominada pela realidade do virtual e submetida sem trégua à vertiginosa avalanche de imagens que seduzem todos os sentidos da pessoa?

A resposta do autor é decididamente afirmativa: não existem pessoas nem situações nas quais Deus não esteja presente e possa ser contemplado

(p.128). Mas isso só acontecerá configurando de outra forma - reformatando, diríamos na linguagem da informática - a nossa matriz cultural.

O que está em jogo não é só um novo discurso sobre Deus. A resposta de B. quer atingir o coração da matriz cultural pós-moderna: uma experiência de Deus que responda aos desafios de uma 'cultura da imagem' terá que basear-se na proposta de outra imagem, a 'imagem viva de Deus' que é Jesus Cristo.

A cristologia e a teologia da encarnação são o fundamento da construção da resposta de B. neste livro. "Na medida em que formos avançando na experiência de Deus em nossa realidade, também aparecerá em nós uma nova linguagem para falar do Deus sempre novo que Se nos revela em Jesus e que desperta o desejo, tão sufocado hoje, que cresce em toda pessoa de encontrar-se com Ele" (p. 8-9).

A partir dessa premissa o livro é estruturado em duas grandes partes: uma 'pars destruens' (desconstrução ou desmascaramento das ambiguidades da matriz cultural da pós-modernidade) e uma 'pars construens' (recomposição de um olhar contemplativo sobre a realidade do mundo e da história).

3. A referência à realidade

Em coerência com o ponto de partida (inserção) e com as duas coordenadas da sua reflexão (teologia da encarnação e experiência espiritual inaciana), o conceito de 'realidade' e a referência à vida concreta é algo decisivo e central na busca de uma resposta.

Deus respeita a realidade, diz Benjamín; realidade que Ele criou e pôs em nossas mãos, expondo-se, por isso, e correndo o risco da nossa liberdade (p. 89). Diante da realidade, portanto, não cabe nenhuma destas três atitudes: nem a fuga, nem a idealização, nem a demonização. É preciso mergulhar na realidade e discerni-la.

Mas que é o real? E que é ser realista? "O místico encarnado é o mais realista porque percebe a profundidade da realidade" (p.90). Estar presente na realidade é abrir-se a ela em todas as suas dimensões, com toda honestidade; deixar-se interpelar, e comprometer-se com ela; sentir-se envolvido, implicado na realidade, até que ela deixe transparecer o fundo último da sua verdade. Transparência do barro, a denomina B. em outro dos seus livros. Essa transparência nos permite descobrir o 'excesso' do real: a realidade é *mais* do que captamos à primeira vista. Nesse excesso se opoia a visão contemplativa do mundo e da história.

4. Desmascarar a ‘cultura da imagem’ ou ‘pars destruens’

Para pôr a nu as contradições da visão da realidade na cultura da imagem, B. utiliza a ‘parábola’ de J. Saramago no *Ensaio sobre a cegueira*: a nossa sociedade se tornou cega, incapaz de enxergar a sua própria realidade. A cultura das imagens, criadas e recriadas à mercê dos interesses do mercado, semeia a sua propaganda clandestinamente, sem nos apercebermos, na terra dos nossos sonhos, desejos e fomes naturais. A nossa vida é refém dessa cultura das imagens produzidas. As inúmeras ‘sensações sedutoras’ que os meios despejam no ambiente sem cessar, poluem nossa visão e seduzem nossos sentidos, sensações e decisões. A realidade que nos é oferecida é uma realidade desfigurada, mutilada.

A ‘realidade virtual’ eclipsa a verdadeira realidade (p. 23). Boa parte da nossa existência está construída dentro de uma ‘realidade virtual’ que não tem raízes na vida real.

O único antídoto contra essa colonização dos sentidos é um *choque de realidade*: ‘cair na real’, abrir os olhos à dureza sem enfeites da vida das pessoas, dos pobres sobretudo, dos que não têm acesso ao virtual e se desgastam na luta cotidiana contra a imagem desfigurada do humano. Esse mergulho na ‘realidade real’, sem fugir do confronto direto com as inúmeras contradições da realidade é o primeiro passo na superação da cegueira.

“Nada – escreve B. – substitui a experiência direta do real, para contemplar a partir daí, plenamente enraizados no húmus onde Deus se encarnou, a imagem de Deus que se nos revela na pessoa de Jesus, e para ao mesmo tempo contemplar Deus ativo na profundidade dessa realidade” (p.31).

Trata-se de um verdadeiro trans-plante do mundo fictício do virtual para o *húmus* no qual Deus se encarnou. Pela contemplação a nossa vida deita raízes nesse *húmus*; assim vamos aprendendo a ‘olhar em profundidade’ e recuperamos a capacidade de ‘ver’ além das aparências.

Esse trabalho de descolonizar nossa sensibilidade e de reformatar nossos sentidos é duro e demorado (cfr. 23-28); exige um corpo a corpo com a avalanche invasiva de tantas imagens fictícias que nos cegam deslumbrando-nos. Por isso, o conflito entre luz e trevas assume a forma de uma verdadeira *dramática da conversão*. Não se trata só de purificar os sentidos, mas de ‘outra forma’ de ser, outra maneira de estar na realidade e de compreender a vida.

É a outra face da vida, a ‘vida verdadeira’, que nos é dada a vislumbrar nas ‘bem-aventuranças’ do evangelho. Dessa experiência nasce uma nova

sensibilidade contemplativa: as bem-aventuranças – impossíveis e garantidas ao mesmo tempo – “como verdade que vai se fazendo em cada um de nós e na história humana” (p.173).

Essa sensibilidade é condição de possibilidade para a ‘mística de olhos abertos’, a única que poderá fazer de nós ‘imagens vivas’ do Filho encarnado; pois o desafio não é *falar* da luz, mas *ser luz* para iluminar o mundo como Jesus (Mt 5, 14).

5. A pedagogia dos novos sentidos ou ‘pars costruens’

A segunda parte do livro, a ‘pars costruens’, nos oferece a pedagogia dessa nova sensibilidade, o caminho para reconfigurar os sentidos colonizados e libertar a liberdade cativa, de tal maneira que possamos enxergar a verdade real e aderir a ela com liberdade.

Essa pedagogia nos é acessível no itinerário dos Exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola como configuração com Cristo pela contemplação.

Ao longo de nove pequenos capítulos B. nos oferece uma leitura simples e profunda dessa experiência: “os EE. de Santo Inácio são um itinerário espiritual que vai transformando a pessoa desde a ‘cegueira’ (EE 106), que gera perdição e morte, até a possibilidade de ver Deus presente em tudo, sem exclusão nenhuma, trabalhando sem descanso e sem sábado, para que possamos ‘em tudo amar e servir’ (EE 233), ao nos unirmos a Ele e à sua atividade que tudo recria” (p. 81).

A submissão à realidade, o envolvimento criador com o real, a coragem de descer aos infernos do humano, são parte integrante do processo pelo qual a realidade toda se torna transparente aos nossos olhos. *A transparência do barro* é outro título dos primeiros escritos de B. Essa nova capacidade de sentir e saborear a presença ativa de Deus no mundo, essa nova sensibilidade contemplativa é o que BGB denomina a ‘mística de olhos abertos’.

Mística capaz de ver a verdade do real: sem enganar-se, mas sem maquiá-la. Ver o mal em ação, no meio de tanto bem escondido; descobrir, por entre os escombros de morte, os sinais de vida nova; mergulhar na realidade sabendo que assim adentramos na misteriosa criatividade de Deus em cada pessoa e na história; atravessar a noite interior e a noite da história em solidariedade com os que sofrem e, ao mesmo tempo, sentindo-se ressuscitado.

Eis o que B. denomina ‘místico de olhos abertos’. Experiência de encontro com Deus que nos unifica e reconcilia – conosco, com Ele, com a criação –



e nos permite “descobrir a infinitude no fragmento, a utopia no germinal, a unidade no diferente, o ilimitado no limite, o espírito na matéria e a eternidade no tempo” (p. 173).

A bem-aventurança, o olhar puro do coração, é “viver neste dinamismo que vem da Trindade, atravessa o presente disperso e nos leva até a plenitude da vida ressuscitada que já começamos a ‘sentir e saborear’ agora no tempo e na carne” (p. 173).

Carlos Palacio S.J.

Doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade
Gregoriana - Roma
Provincial do Brasil - Companhia de Jesus